

II Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas
27 a 30 de abril de 2015, UNICAMP, Campinas (SP)

Arte e Ativismo e Ação Direta na luta popular

Hermes Renato Hildebrand (Unicamp)
Cristina Barretto de Menezes Lopes (Unicamp/Metrocamp)

Campinas

2015

Resumo

Este artigo busca analisar as relações entre arte e ativismo a partir de 2003, na cidade de São Paulo, através de táticas de ação direta e desobediência civil. Trata-se de um relato a partir de experiências pessoais, onde atuei como voluntária do coletivo São Paulo do Centro de Mídia Independente, acompanhando e participando de ações que foram organizadas por pessoas em protesto contra decisões políticas centralizadas. Os resultados dessas experiências não foram imediatos – além de um grupo que acompanhou, registrou e publicou os fatos, possibilitando que a informação ficasse acessível, oficialmente, nada de concreto aconteceu. Mas no contexto em que se passaram, podem ser consideradas importantes como um processo de conscientização da força das ruas num espaço de protesto e de reapropriação do coletivo em manifestações populares, mais presentes a partir de junho de 2013, no Brasil, data que marca historicamente a luta pelo direito ao transporte público e acesso à cidade.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX foram palco de acontecimentos importantes que marcaram o surgimento de novas configurações sociais, políticas e territoriais no mundo. A queda do muro de Berlin, a implosão da União Soviética e o processo de globalização capitalista que ganhou força através de organizações políticas estratégicas - como o FMI¹, o Banco Mundial² e a OMC³ - exigem novas atitudes de confronto diante das injustiças sociais que se desenham nestes contextos.

Nesses ambientes, surgem os “Dias de Ação Global”⁴, como ficaram conhecidas as datas marcadas por protestos simultâneos que aconteciam em diferentes partes do mundo. Organizados por diversos grupos e movimentos que praticavam ação direta em vários países - entre eles Estados Unidos, Alemanha, Itália, Argentina e Brasil - e marcados pela inicial do mês em letra maiúscula, seguida do dia do protesto - os “Dias de Ação Global” configuram-se hoje como uma experiência que consagra as redes como meio de comunicação entre grupos e indivíduos através de computadores e outros dispositivos de comunicação móvel, que começavam a se popularizar naquele momento.

Em fevereiro de 1998, a Ação Global dos Povos nasceu, pela primeira vez os movimentos populares do mundo estavam começando a conversar e trocar experiências sem a mediação de Organizações Não-Governamentais, e a primeira conferência da AGP teve lugar em Genebra (Suíça) – lar da tão odiada OMC. Mais de 100 delegados de 71 países foram a Genebra para compartilhar sua raiva pelo domínio corporativo. Das comunidades Uwa, passando pelos Funcionários do Correio Canadense, *Reclaim The Streets*, militantes antinuclear, agricultores franceses, ativistas Maori e Ogoni, sindicalistas coreanos, Rede de Mulheres Indígenas da América do Norte,

¹ <http://www.imf.org> – é o órgão responsável pelo monitoramento do sistema financeiro mundial e pelo empréstimo de dinheiro para projetos de desenvolvimento.

² <http://www.worldbank.org> – é responsável pelo desenvolvimento de políticas e empréstimo de dinheiro para países em crise.

³ <http://www.wto.org> – regulamenta regras de trocas comerciais entre países membros.

⁴ Segundo José Chrispiniano, “os dias de ação global são datas marcadas em contraponto a um encontro de organizações-símbolo do capitalismo mundial, como o G7, FMI, Banco Mundial e OMC. Nesses dias, toda a rede se organiza e faz cada um como quiser e onde estiver, protestos simultâneos contra a globalização” (CHRISPINIANO, 2002, p. 19).

aos ambientalistas ucranianos, todos estavam lá para formar “um instrumento global para comunicação da humanidade e do planeta pelo mercado global, enquanto constroem alternativas locais e poderes populares”. (LUDD, 2002, p. 19)

Os “Dias de Ação Global” foram marcados essencialmente, por sua força criativa e pela ação coletiva. As estratégias utilizadas incluíam táticas de resistência e subversão baseadas nos conceitos de desobediência civil⁵ e autonomia. As atuações colaborativas de artistas e ativistas foram consequências dessas novas configurações. Na origem desses encontros está a tática utilizada pelos zapatistas, em Chiapas, no México, quando, em janeiro de 1994, foram distribuídos comunicados assinados pelo Subcomandante Marcos através da web⁶ para o mundo todo: contra uma nova forma de representação do poder – desterritorializado, eletrônico e organizado com pontos de interconexão – uma nova forma de resistência, com as mesmas características deveria ser utilizada.

Como afirma Ricardo Rosas, o termo e a ideia de atuação por meio dos coletivos não é nova. Grupos de pessoas se organizavam para atuar nas artes e na literatura desde o século XVIII. Segundo o historiador Alan Moore (ROSAS, 2003, p.2), os primeiros eventos ativistas aconteceram logo após a “Revolução Francesa, com os estudantes de Jacques-Louis David: os barbados ou ‘Barbu’, formaram comunidades criativas que viriam a ser chamada de ‘Boêmia’”. Eram movimentos de artistas que se contrapunham à academia oficial. Essa prática se desdobrou e deu origem a grandes movimentos e vanguardas artísticas através dos dadaístas, situacionistas e do grupo Fluxus, entre outros que realizaram vários manifestos artísticos, mas que ganhou muita força com a popularização das novas tecnologias, a partir do final dos anos 1990.

⁵ A Desobediência Civil é uma tática de resistência pacífica, um direito que pode ser exercido por qualquer cidadão que não concorde com decisões arbitrárias e entendidas como injustas. “Existem leis injustas; devemos submeter-nos a elas e cumpri-las, ou devemos tentar emendá-las e obedecer a elas até à sua reforma, ou devemos transgredi-las imediatamente? Numa sociedade com um governo como o nosso, os homens em geral pensam que devem esperar até que tenham convencido a maioria a alterar essas leis”. (THOREAU, 2003, p.23)

⁶ CORRÊA, Felipe. “O Movimento de Resistência Global”, 2004. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/07/286886.shtml>. Acesado em 24/01/2015.

Na Europa e nos EUA, a fusão de arte e política já estava presente nos dadaístas e surrealistas, e representou o ponto fundamental dos situacionistas no pós-guerra, e desde então essa mescla tem se dado em vários grupos que atuam na fronteira ativismo/arte, como o *Arte&Linguagem*, *Art Workers Coalition*, *Black Mask*, neoístas, *Gran Fury*, *Group Material*, *PAD/D*, *Guerrilla Girls*, ou os mais recentes *Luther Blissett Project*, *RTmark*, *Etoy*, *Critical Art Ensemble*, boa parte destes últimos atuando diretamente com alta tecnologia, no que se tem atualmente denominado de mídia táctica. (ROSAS, 2003, p. 2)

Atualmente verificamos transformações que estão envolvendo os meios de comunicação de massa e as redes sociais e digitais. Vários acontecimentos políticos globais passaram a utilizar essas tecnologias na organização e disseminação de eventos e informações.

Destacamos dois grandes movimentos que aconteceram no Irã: “Revolução Verde” em 2009 e a “Primavera Árabe”, em 2010 e 2011, com desdobramentos revolucionários e queda de ditadores e de governantes. Além disso, neste período, surgiram muitos outros grupos ativistas que passaram a reordenar as relações entre as mídias de massa e mídias horizontais. Segundo Silva, esses acontecimentos contribuíram para levantar discussões que

se fez (e ainda se faz) sobre as movimentações insurgentes e as mídias digitais. Dos diversos recortes que poderiam ser dados aos estudos da produção de conteúdo realizada nesses ambientes, interessou-nos particularmente as estratégias usadas pelos ativistas nos esforços de tornar conhecidos os conteúdos por eles produzidos. Imersas juntamente a um emaranhado de signos diversos nas redes de comunicação digital, as causas ativistas lutam para que consigam a atenção dos usuários. (2013, p.10)

Além da colaboração e da atuação em redes, práticas criativas e coletivas em protestos e manifestações fazem parte das características dos novos movimentos sociais que se organizam em prol de políticas públicas. É o caso do MPL – Movimento Passe Livre - que nasceu oficialmente em 2005, durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e ganhou maior visibilidade e força em 2013, com as Jornadas de Junho, em São Paulo.

É importante lembrar que, nesse contexto, antes de 2005, dois momentos importantes de revolta popular na luta pelo acesso ao transporte público são apresentados como marcos na história da formação do MPL: a Revolta do Buzu, em Salvador, Bahia, em agosto de 2003 - que levou milhares de pessoas às ruas da cidade durante mais de três semanas -; e as mobilizações que ocorreram em Florianópolis, entre 2004 e 2005.

Segundo Marcelo Pomar, um dos fundadores do movimento Passe Livre e historiador, “além da luta concreta, um interessante saldo organizativo constitui o legado de Florianópolis”. (JUDENSNAIDER, ORTELLADO, POMAR, 2013, p.10) Ainda em 2004, no mês de julho, é organizado um encontro com representantes de vários estados do Brasil, em Florianópolis. O saldo desse encontro é a instituição da “Campanha Nacional pelo Passe Livre” e um calendário nacional de lutas pelo passe-livre para os meses seguintes.

Assim como a consolidação da luta pela gratuidade do transporte público através do Movimento Passe Livre, outros movimentos e lutas ganharam força e visibilidade entre 2000 e 2010, no Brasil. O MSTC – Movimento Sem Teto do Centro - contabilizava, em julho de 2005⁷ cerca de 8 mil integrantes militando em diversas ocupações localizadas na região central da cidade - incluindo o Edifício Prestes Maia⁸, que tinha aprovado em novembro de 2003 a entrada e circulação de mais de cem pessoas, entre artistas e organizadores de uma exposição que seria sediada no local, por três semanas. A aproximação do movimento com esse público resultou, além da galeria de arte, em uma grande visibilidade para a luta por moradia. Até 2007, quando ocorreu o despejo, muitas pessoas que se aproximaram para apoiar a ocupação, tinham tido o primeiro contato com o movimento em atividades culturais, desenvolvidas no espaço.

7

http://integracaosemposse.zip.net/arch2005-07-01_2005-07-31.html#2005_07-18_17_22_00-9808491-0

⁸ A ocupação Prestes Maia foi organizada pelo Movimento dos Sem-tetos do Centro (MSTC) como parte de um conjunto de ocupações que ocorreram no centro da cidade de São Paulo. O edifício de 35 andares localizado na Av. Prestes Maia 911, abrigava nos anos 50 uma fábrica de tecidos de propriedade do vereador Jorge Hamuche e de Eduardo Amorim. O prédio tinha uma dívida calculada na época em R\$ 5 milhões de IPTU - valor maior que a própria avaliação feita para o valor do prédio - para o governo. Abandonado há 12 anos, o local passou a abrigar 468 famílias. Disponível em <http://integracaosemposse.zip.net/>. Último aceso em 20/03/2015.

A luta pela democratização dos meios de comunicação também ganhou visibilidade naquele período. Em 2005, uma ação civil pública movida contra a Rede TV! e contra o programa Tardes Quentes, do apresentador João Kléber, por violações de direitos humanos na mídia, acabou revertendo em um horário para que ONGs e instituições defensoras dos Direitos Humanos se manifestassem: durante 30 dias a emissora foi obrigada a ceder um horário para o direito de resposta coletivo dos grupos ofendidos pela programação⁹. O programa “Direitos de Resposta” foi produzido por organizações da sociedade civil e exibiu diversas produções independentes que tinham como tema a defesa dos direitos humanos.

Ocupar as ruas e discutir questões referentes à utilização do espaço público e a violação dos direitos humanos foi uma consequência desencadeada pela política higienista que o governo do Estado de São Paulo sob o comando do PSDB – Partido Social Democrático Brasileiro vinha instituindo de forma violenta e arbitrária na cidade. As ações se multiplicaram e passaram a fazer parte da pauta de discussão em outros espaços de lutas, incluindo as universidades. Em 2007, um grupo de estudantes ocupou a reitoria da USP por 51 dias.

Segundo o Blog “Ocupa! Porque Amanhã Já é Hoje”

A ocupação foi um momento ímpar que canalizou uma série de reivindicações que extrapolavam a esfera elitista da maior universidade do país. O que estava em jogo, não era apenas a revogação dos decretos e aí continuar tudo como estava, mas se vislumbrou a possibilidade de um questionamento que ia para todas as direções. Colocou-se em questão, por exemplo, o sucateamento do ensino público, fundamental e médio, já consolidado; o fim do vestibular; a exclusão dos proletários e dos negros da

⁹ A juíza federal Rosana Ferri Vidor, da 2ª Vara Federal de São Paulo, concedeu liminar em Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal e determinou a suspensão por 60 dias do programa Tarde Quente, apresentado pelo humorista João Ferreira Filho, o João Kléber, na Rede TV.

A juíza determinou, na sexta-feira (4/11), a substituição do programa, a partir de segunda (7/11) até o dia 5 de janeiro de 2006, por programas que contenham "contrapropaganda das mensagens nocivas alardeadas pelo referido programa". A Rede TV está sendo intimada da decisão na mesma segunda-feira.

A suspensão do programa e a sua substituição, no mesmo horário de exibição, por programas de direito de resposta às minorias ofendidas pelo programa, considerado homofóbico e também desrespeitoso aos direitos humanos pelo MPF, foi pedida pelo procurador regional dos direitos do cidadão, Sergio Suiama, e sua substituta, Adriana da Silva Fernandes, e mais seis ONGs de direitos humanos e dos homossexuais.

A ação do MPF pede ainda, no mérito do processo, que a Rede TV seja condenada à perda da concessão e a indenizar, em R\$ 20 milhões, a sociedade pelos danos causados à coletividade pela exibição do programa. O mérito da ação ainda não foi julgado.
(http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/justica_suspende_programa_de_joao_kleber)

universidade pública e de qualidade; os conflitos no campo e na cidade; a falta de moradia; a violência generalizada; os efeitos da sociedade de classes; a Universidade Livre; e tantas outras coisas que se interligavam e que se confluíam e transformavam a Ocupação na ponta do iceberg das demandas sociais.¹⁰

Dentre as reivindicações divulgadas, também estava inclusa a luta contra a repressão no interior das universidades, com ênfase na USP - Universidade Estadual de São Paulo. Os estudantes reivindicavam, além disso, autonomia total dos espaços ocupados e geridos por eles, total liberdade de manifestação política (panfletagem, colagem de cartazes etc.) e cultural (festas, festivais etc.), e a retirada da polícia do interior do campus.¹¹

Muitos ativistas que participaram dessa ocupação também protagonizaram o “Acampa Sampa”, que teve início no dia 15 de outubro de 2011, no Viaduto do Chá, em São Paulo. A proposta estava vinculada – ainda que de forma autônoma – ao movimento global que ocupava diversas cidades naquele momento.

No ano de 2011 ocorreu um fenômeno que há muito não se via: uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua. Uma onda de mobilizações e protestos sociais tomou a dimensão de um movimento global. Começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street, nos EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia. O suicídio por imolação de Mohamed Bouazizi, um vendedor de frutas que protestava contra a apreensão de suas mercadorias, na Tunísia, em 17 de dezembro de 2010, foi apenas um dos muitos atos semelhantes ocorridos no norte da África que, além do desespero individual, simbolizaram o esgotamento psicológico de muitos povos em um mesmo momento. Houve uma sincronia cosmopolita febril e viral de uma sequência de rebeliões quase espontâneas surgidas na margem sul do Mediterrâneo e que logo se manifestaram na Espanha, com os “Indignados da Puerta dei Sol”, em Portugal, com a Geração à Rasca, e na Grécia, com a ocupação da

¹⁰ Disponível em <http://ocupacaousp.noblogs.org/>. Último acesso em 15/03/2015.

¹¹ Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/05/380924.shtml>. Último acesso em 15/03/2015.

Praça Syntagma. Em todos os países houve uma mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional. Países como a China sentiram o risco e censuraram a simples menção na internet à Praça Tahrir, palco dos protestos egípcio. (HARVEY et al., 2012, pp. 7-8)

No centro da cidade de São Paulo, protegidos por barracas de lona, integrantes de movimentos sociais, moradores de rua e estudantes se organizavam através de comissões rotativas. As comissões se reuniam com os “acampados” em assembleias duas vezes por semana e tomavam decisões coletivas sobre a cozinha comunitária, a convivência e o encaminhamento das atividades no espaço – incluindo aulas públicas e debates¹².

Portanto, em 2013, quando eclodiram as manifestações de junho, já havia um contexto para que as mobilizações pudessem tomar as proporções que tomaram, tanto dentro do próprio MPL, quanto de movimentos que militavam por pautas que eram convergentes

Os aprendizados adquiridos em quase dez anos de movimento social permitiram, ao MPL, uma notável combinação de valorização do processo e orientação a resultados. Por um lado, ele soube preservar e cultivar a lógica horizontal e contracultura que extraiu tanto da luta dos estudantes contra o aumento como do movimento contra a liberalização econômica, de onde vieram muitos dos primeiros militantes. Por outro, soube estabelecer de maneira tática uma meta objetiva exequível: a revogação do aumento. Essa meta “curta”, no entanto, estava diretamente ligada à meta mais ambiciosa de transformar um serviço mercantil em direito social universal. (JUDENSNAIDER, ORTELLADO, POMAR, 2013, p. 236).

¹² O professor da USP, Pablo Ortellado, falou sobre a “segurança pública e democracia nas universidades” e a psicanalista e a escritora Maria Rita Kehl deu uma aula sobre “desencanto em tempos de capitalismo”. Disponível em <http://outraspalavras.net/outrasmidias/uncategorized/acampa-sampa-completa-um-mes-sob-viaduto-cha/> Último acesso em 15/03/2015.

Assim, nosso objetivo é descrever e analisar, no contexto apresentado, três ações que foram organizadas pelo Coletivo de Mídia Independente, e que configuram-se como táticas de ação direta e desobediência civil, na década de 2000. A primeira foi um protesto, realizado na Anatel, em São Paulo, em 2003; a segunda, a troca de placas na Avenida Roberto Marinho, em 2004; e a terceira, o “Escracho” no Secretário de Serviços¹³, em 2005. As três ações foram filmadas, editadas e disponibilizados em *copyleft* na internet, no próprio site do coletivo do CMI.

1. PROTESTO NA ANATEL

No dia 07 de maio de 2003, um ato coordenado e organizado por meio da internet via IRC - *Internet Relay Chat* ¹⁴, no canal do Centro de Mídia Independente, levou grupos de pessoas à sede da Anatel em cinco cidades brasileiras para protestar contra o fechamento de rádios livres e comunitárias e solicitar mais ações pela democratização dos meios de comunicação. Em São Paulo, cerca de 30 ativistas ocuparam a sede da ANATEL na Rua Vergueiro, por aproximadamente 2 horas. Além de São Paulo, as cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Goiânia e Porto Alegre também participaram da ação. Em cada cidade foi entregue uma carta diferente, endereçada, aos gerentes locais da Agência Nacional de Telecomunicações, todas escritas e assinadas pelos coletivos da rede do Centro de Mídia Independente,

Não vamos sentar passivamente vendo nossas rádios serem fechadas,
nossos equipamentos apreendidos e nossas comunidades humilhadas.
Quando há um conflito entre a lei e a justiça é nosso dever desobedecer.

¹³ Segundo Ana Longoni, escritora, pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas, professora, doutorada em Artes, da Universidade de Buenos Aires “‘Escrache’ é uma palavra proveniente do lunfardo – linguagem coloquial própria do Rio da Prata – que indica aquilo que está intencionalmente oculto e é posto em evidência; ou seja, escrachar significa ressaltar, colocar em evidência”. Disponível em <<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/157/pt9542701.htm>> último acesso em 20/03/2015).

¹⁴ *Internet Relay Chat* - protocolo de comunicação utilizado pela Internet. É usado para bate-papo na rede mundial de computadores e para troca de arquivos, permitindo a conversa em grupo ou privada. Foi documentado formalmente pela primeira vez em 1993, com a RFC 1459.

Em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Goiânia viemos para dizer que seus esforços e sua violência não calarão nosso direito inalienável à livre expressão e à livre comunicação.¹⁵

Das cinco cartas entregues, três foram finalizadas com o termo “em desobediência”, uma referência ao conceito de desobediência civil praticado por esses movimentos e assinadas por indivíduos e coletivos que compõem o Centro de Mídia Independente e por participantes que foram aos eventos.

O Centro de Mídia Independente criado em Seattle para cobrir os eventos durante o "Encontro do Milênio", da OMC Organização Mundial do Comércio, em novembro de 1999, de forma alternativa e independente das mídias convencionais, produziu um website que recebeu e armazenou vídeos, imagens, sons e textos, publicados e produzidos por qualquer pessoa ou qualquer órgão de mídia, sem fins comerciais. No Brasil, o website foi ao ar em dezembro de 2000 e nos anos subsequentes teve um papel importante enquanto espaço para acesso e publicação de notícias ignoradas pela mídia corporativa, além de fonte de informações alternativas sobre movimentos sociais e eventos culturais, entre outros, o website tinha foco no interesse popular e de resistência.

A comunicação entre os integrantes da rede, que se organizavam em coletivos de forma voluntária, (o projeto nunca teve fins lucrativos e sempre foi mantido pelos voluntários ou por doações), era realizada, principalmente, via internet, *chat* e email. O *chat* do CMI funcionava – e ainda funciona - através do sistema IRC (*Internet Relay Chat*). Existem duas maneiras de participar: a primeira delas consiste em acessar o bate-papo através do navegador (*Firefox*, por exemplo) e a segunda é usar um cliente de IRC.

Em 2003, quando os protestos na Anatel aconteceram, as redes sociais ainda estavam em processo de implementação e a comunicação se dava via mensagens instantâneas, através de celular ou website e e-mail. Publicar e acessar áudios e vídeos também exigia conhecimento e domínio tecnológico: era preciso dispor de equipamentos para captação e edição e espaço na web para

¹⁵ Trecho da carta-manifesto entregue ao gerente da Anatel em São Paulo, Sr. Everaldo Gomes Pereira. Disponível em (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/05/254136.shtml>), zcessado em 25/03/2015.

publicar o material (O *Youtube* só entrou em funcionamento em fevereiro de 2005, transformando significativamente as relações com o audiovisual). Nesse contexto, o CMI atuava como uma força de oposição que agregava milhares de usuários pelo mundo.

No caso da manifestação da Anatel, os coletivos locais organizaram os protestos e foram responsáveis por documentar e publicar os registros das ações, gerando uma visibilidade muito maior para a causa.

Foram postados vídeos, fotografias e áudios por ativistas que participaram das ações nas cinco cidades citadas. Houve também relatos e a publicação das cartas-manifestos. Todos os documentos poderiam ser acessados por qualquer pessoa no site do coletivo¹⁶.

Nos dias subsequentes houve movimentação nos posts com comentários e polêmicas. O tema ganhou visibilidade e simpatia por parte de outros grupos que também lutavam pela democratização dos meios de comunicação no Brasil.

2. REBATISMO DA AVENIDA ROBERTO MARINHO

Em 2004, a cidade de São Paulo participou da 2ª. Semana Nacional pela Democratização da Comunicação, que aconteceu entre 17 e 24 de outubro, em 18 cidades do país com ações locais em Fortaleza, no Ceará e transmissões radiofônicas organizadas pela associação ABRAÇO – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária - em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Também foram exibidos vídeos seguidos de debates, entre outras ações em comemoração ao dia mundial de luta pela democratização dos meios de comunicação. Na capital paulista foi organizado o Ato de rebatismo popular da Av. Jornalista Roberto Marinho, que passaria a se chamar Av. Jornalista Vladimir Herzog por algumas horas.

Marcado para o dia 18 de outubro com concentração às 14 horas na esquina da Av. Santo Amaro com a Av. Roberto Marinho (antiga Av. Água Espraiada), a ação foi seguida de solenidade de mudança de placas, e de um ato

¹⁶

<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/05/254162.shtml>.

político-artístico-recreativo "O Povo Não é Bobo" em frente às organizações Globo. Como parte da manifestação, foi divulgado um chamado, na página do site, replicado em blogs e impresso para distribuição nas ruas. Também foram colados dois jornais de muro (CMI na Rua), com chamadas para o ato e distribuído um jornal coletivo, com a programação completa da semana.

O ato de rebatismo, organizado por voluntários do Coletivo do Centro de Mídia Independente de São Paulo começou pacificamente, mas houve repressão policial quando as placas começaram a ser substituídas por uma faixa adesiva, que cobria a original. Um ativista foi preso e liberado no mesmo dia. Também houve a gravação de um vídeo, que foi disponibilizado no site do CMI, aumentando a visibilidade do ato e gerando mídia espontânea, com cobertura da revista Carta Capital.

A publicação do vídeo registrado pelos próprios participantes teve grande repercussão e chamou mais uma vez a atenção para a discussão sobre o controle da mídia no Brasil.

3. “ESCRACHOS” NO SECRETÁRIO DE SERVIÇOS 2005

No dia 29 de outubro de 2005, moradores de rua, sem-teto, catadores e camelôs da região central da cidade de São Paulo, ao lado de artistas, estudantes e ativistas, se deslocaram até o Morumbi, na casa do secretário de serviços e subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo, em protesto contra a higienização do centro de São Paulo. A ação foi pensada como uma resposta ao projeto de Revitalização do Centro da Prefeitura de São Paulo, que vinha praticando uma política de exclusão para expulsar a população de baixa renda da região central da cidade. Em parceria com integrantes do “Fórum Centro Vivo” - uma organização que reúne pessoas de movimentos de moradia, catadores, camelôs, urbanistas, engenheiros, advogados, produtores independentes de mídia e artistas – caminhou até o Morumbi, um dos bairros mais ricos da cidade, para falar com o subprefeito da Sé na época, Andrea Matarazzo. “Entendendo que não há alternativa para a multidão, senão a luta hoje nos colocou aqui, em frente à sua casa: quem espera sempre

cansa, viemos-te esgrachar” ¹⁷, foram às palavras lidas por um catador na manhã do dia 29 de outubro, diante da casa do subprefeito. Esgrachar, de acordo com o dicionário, significa desmoralizar, desmascarar, esculachar, esculhambar.

Os manifestantes foram vestidos em trajes de banho e levaram boias, guarda-sóis e lanches. Também penduraram faixas para deixar claro seu descontentamento com as políticas adotadas por aquele governo: "Em breve aqui, Favela Matarazzo" e "Piscinão do Andrezão". Além disso, foram colados vários cartazes de lambe-lambes no muro da residência de Matarazzo, com fotos de obras do subprefeito, como a "rampa antimendigo". Imagens e relatos sobre o ato foram publicados naquela mesma noite, com forte repercussão entre os leitores do site do Centro de Mídia Independente¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações relatadas neste artigo foram organizadas por grupos de trabalho que se comunicaram por email ou *chat*. Havia colaboração de coletivos de artistas nesse processo (a gravação e edição do vídeo do ato na Anatel foi compartilhada com o coletivo "A televisão não será revolucionada"). O período caracterizou-se como um momento fértil, potencializado pela possibilidade de comunicação móvel e imediata: ideias e ações eram compartilhadas, organizadas e colocadas em prática com muita agilidade.

Grande parte dos voluntários do CMI também participaram de outras lutas – moradia, mobilidade, meio ambiente – e essas vivências não só alimentavam o site com atualizações constantes das pautas dos movimentos, como contribuíam para que as discussões acontecessem abertamente, através da coluna da direita, um espaço de publicação livre e anônima dentro do site. Apesar de não se identificar como um movimento social, o Centro de Mídia Independente podia ser visto como um catalizador de lutas ao divulgar periodicamente um boletim para pessoas cadastradas nas listas e possibilitar uma intensa movimentação e organização em

¹⁷ <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2005/11/335875.shtml>

¹⁸ <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2005/10/334993.shtml>

um momento em que não havia publicação aberta na web. Ainda hoje o Centro de Mídia Independente é referência por se identificar como o único site que permite publicação aberta de conteúdo de forma anônima.

Além das manifestações, protestos e discussões; esse período, anterior ao surgimento das redes sociais, foi de muita atividade para os voluntários do Centro de Mídia Independente. A luta do Movimento Passe Livre está registrada ali, desde 2003, com a “Revolta do Buzu”, seguida pelas Revoltas em Florianópolis, entre 2004 e 2005, assim como diversas outras manifestações e lutas sociais, configurando-se como um enorme banco de dados desse importante momento na história das lutas populares.

As condições de atuação por meio das redes sociais e das mídias digitais permitem a participação e a disseminação de informações por amadores e abrem espaço para novas possibilidades de manifestação e de organização desses movimentos ativistas. É possível afirmar que essas condições tecnológicas, intrínsecas aos suportes tecnológicos digitais, agem sobre a produção, distribuição e recepção das informações que agora não estão apenas nas redes de comunicação corporativas.

Evidentemente, não são poucos os aspectos positivos e negativos que se apresentam quando uma nova mídia aparece no campo da comunicação e, por isso, selecionamos alguns elementos dos eventos ativistas citados que julgamos relevantes para melhor entender como se dá a produção e distribuição da informação por grupos amadores definindo um novo padrão estético. Ao indivíduo comum foi dada a chance de se tornar um produtor de informação, atuar na vigilância dos fatos, testemunhar e exercer a cidadania por meio do registro de dados (imagens, vídeos, e textos). Este mesmo indivíduo pôde passar a exercer sua capacidade criativa experimentando com ela essa estética amadora e a valorização de sua produção por meio do seu reconhecimento nas redes sociais. De fato, e efetivamente, passamos a exercer a atividade de monitoramento do sistema ao denunciar abusos de poder, corrupção de políticos e policiais, calamidades em serviços públicos, etc.

Apesar de não termos neste texto espaço para abordar profundamente o potencial político dessas manifestações e conjunto com as mídias digitais e

locativas, observamos que o senso comum de localização espacial poderia colaborar com a produção dessas informações. É possível que essa seja uma tarefa difícil de ser feita dentro da perspectiva aqui apresentada, mas talvez a adição da localização geográfica nas informações, hoje possível pelo acesso que temos as controles de latitude e longitude nas redes, por meio dos GPS, poderíamos pensar que seria possível dar maior sentido às informações e, portanto, maior significados para estas ações.

As produções de imagens, vídeos, e textos, de cunho amador circulam pelas redes de comunicação digital propondo um novo olhar para essas produções que hoje são intensamente utilizadas. Além disso, tais informações (imagens, vídeos e textos) denunciam um elemento paradoxal, que ao mesmo tempo em que é um elemento transgressor, nos coloca diante da incômoda situação de estar sendo observado por meio dos sistemas estabelecidos de controle da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORRÊA, Felipe. *O Movimento de Resistência Global*. 2004. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/07/286886.Shtml>. Acesso em 03/01/2015.

CHRISPINIANO, José. *A Guerrilha Surreal*. São Paulo: Conrad, 2002.

CRITICAL ART ENSEMBLE. *Distúrbio Eletrônico*. São Paulo: Conrad, 2001.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, maio-ago, 2011. Rio de Janeiro: Editora Autores Associados – ANPED. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em 20/12/2014.

HARVEY, David. et al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo Editorial - Carta Maior, 2012.

JUDENSNAIDER, Elena; LIMA, Luciana; ORTELLADO, Pablo; POMAR, Marcelo. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. São Paulo: Editora Veneta, 2013.

LUDD, Ned. *Urgência nas ruas*. São Paulo: Editora Conrad. 2002.

MACHADO, Arlindo; VELEZ, Marta Lucía. *Televisão e arte contemporânea*. **São Paulo: ARS**, v. 10, n. 19, 2012 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202012000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03/01/2015.

MARASCHIN, Claudio e BRUSCATO, Giovani Tavares. A teoria e a prática da desobediência civil: um estudo a partir da doutrina contemporânea. *Revista da Faculdade de Direito – UniRitter*. Porto Alegre, n. 10, p. 41-54, 2009.

MESQUITA, Andre. *Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2011.

ORTELLADO, Pablo. *Aproximações ao Movimento Antiglobalização*, Centro de Mídia Independente. Disponível em:
<<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/01/14525.shtml>>. 2002. Acesso em 22/12/2014.

ROSAS, Ricardo. *Nome: Coletivo; Senha: Colaboração*. Disponível em
<<http://www.rizoma.net/interna.php?id=170&secao=intervencao>>. Acesso em 20/10/2007.

RYOKI, André e ORTELLADO, Pablo. *Estamos Vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.

SILVA, Tarcísio Torres. *Estéticas políticas da tela: ativismo e o uso da imagem em redes de comunicação digital*. Tese de Doutorado defendida no Curso de Pós Graduação em Artes Visuais, orientada por pelo Prof. Dr. Hermes Renato Hildebrand. Campinas (SP): UNICAMP, 2013.

THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil e outros escritos*. Trad. Alex Marins, São Paulo: Martin Claret, 2003.

REFERÊNCIAS DE WEBSITE

<http://www.vdb.org/artists/guillermo-g%C3%B3mez-pe%C3%B1a-0>.

<http://www.hamacaonline.net/obra.php?id=631>.

<http://www.pbs.org/art21/artists/krzysztof-wodiczko>.

<http://periodismohumano.com/sociedad/comunicacion/un-gps-para-cruzar-fronteras-y-no-morir-de-sed.html>.

<https://artecontemporaneaocupacaoprestesmaia.wordpress.com/ocupacao-prestes-maia/>.

<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/free/global/j18.htm>.

<http://www.critical-art.net/books/ecd/ecd2.pdf>.

<http://outraspalavras.net/outrasmidias/uncategorized/acampa-sampa-completa-um-mes-sob-viaduto-cha/>.

<http://mtb.midiatatica.info>.

<http://integracaoosemposse.zip.net>.

<http://ocupacaousp.noblogs.org/>

<http://www.midiaindependente.org>.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>.

<http://www.rizoma.net/interna.php?id=170&secao=intervencao>.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202012000100003>.

<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/157/pt9542701.htm>.